

---

## Uso e compartilhamento de informação nas redes sociais por estudantes do ensino médio: estudo de caso em uma escola privada no interior do estado de São Paulo

**Rodrigo Barbosa de Paulo**

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Ciência da Informação, Marília, SP,  
Brasil

[rodrigodepaulo22@hotmail.com](mailto:rodrigodepaulo22@hotmail.com)

**Helen de Castro Silva Casarin**

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Ciência da Informação, Marília, SP,  
Brasil

[helen.casarin@gmail.com](mailto:helen.casarin@gmail.com)

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v14.n1.2021.29929>

Recebido/Recibido/Received: 2020-03-12

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2020-12-17

### ARTIGOS

---

**Resumo:** Nesta pesquisa identificou-se o comportamento de estudantes do ensino médio no uso da internet e de mídias sociais e a percepção dos mesmos sobre a postura dos pais ou responsáveis. A pesquisa foi realizada em uma unidade de uma escola de uma rede privada localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Para coleta de dados foi utilizado um questionário eletrônico distribuído a 279 estudantes, abrangendo todos os alunos das oito turmas do ensino médio da escola participante e obteve-se 216 respostas válidas (77,4% do total). Os resultados obtidos demonstram que 98,0% dos estudantes participantes do estudo utilizam alguma rede social; 71,0% dos respondentes afirmaram já ter recebido imagens com conteúdo sexual e o acesso a estes materiais foi principalmente através de redes sociais. O assunto com maior incidência de busca entre os respondentes foi sobre dietas para emagrecimento e 71,0% dos estudantes respondentes consideram saber mais de internet que seus pais. A principal conclusão é que, dada a constatação de que os adolescentes têm adotado um comportamento de risco no uso das redes sociais e não têm recebido a devida orientação a esse respeito, a escola tem um papel fundamental no preparo dos estudantes para lidar de forma segura com o universo informacional a que eles têm acesso cotidianamente.

**Palavras-chave:** Segurança da informação. Mídias sociais. Competência em informação. Adolescentes. Estudo de usuários.

**Using and sharing information on social media by high school students: a case study of a private school in São Paulo state**

**Abstract:** The behavior of high school students in the use of the internet and social media was identified and their perception of the posture of parents or guardians. The study was conducted with students from a private school located in São Paulo state. For data collection, an electronic questionnaire was applied, which was distributed to 279 students, covering all students in the eight high school classes, and a total of 216 valid responses (77,4% of the total) were obtained. The results obtained demonstrate that 98,0%

of the students participating in the study use some social network; 71,0% of respondents said they had received images with sexual content and access to these materials was mainly through social networks. The subject with the highest incidence of search among respondents was on weight loss diets. 71,0% of students who answered the questionnaire considered that they know more about the internet than their parents. The main conclusion of this study is that, given the finding that adolescents have adopted risky behavior in the use of social networks and have not received adequate guidance in this regard, the school has a fundamental role in preparing students to deal safely with the informational universe to which they have daily access.

**Keywords:** Information security. Social media. Information literacy. Teenagers. User studies.

### **Uso e intercambio de información en redes sociales por estudiantes de secundaria: un estudio de caso de una escuela privada en el estado de São Paulo**

**Resumen:** Se identificó el comportamiento de los estudiantes de secundaria en el uso de internet y las redes sociales y su percepción de la postura de los padres o tutores. El estudio se realizó con estudiantes de una escuela privada ubicada en el interior del Estado de São Paulo. Para la recolección de datos se utilizó un cuestionario electrónico, el cual se distribuyó a 279 estudiantes, cubriendo a todos los estudiantes de las ocho clases de secundaria, y se obtuvo un total de 216 respuestas válidas (77,4% del total). Los resultados obtenidos demuestran que el 98,0% de los estudiantes que participan en el estudio utilizan alguna red social. 71,0% de los encuestados dijo que ya había recibido imágenes con contenido sexual y el acceso a estos materiales era principalmente a través de las redes sociales. El tema con mayor incidencia de búsqueda entre los encuestados fue sobre dietas para adelgazar. 71,0% de los estudiantes encuestados consideran que saben más sobre Internet que sus padres. La principal conclusión es que, ante la constatación de que los adolescentes han adoptado conductas de riesgo en el uso de las redes sociales y no han recibido una orientación adecuada al respecto, la escuela tiene un papel fundamental en la preparación de los estudiantes para afrontar con seguridad con el universo informativo al que tienen acceso diario.

**Palabras clave:** Seguridad de la Información. Alfabetización informacional. Redes sociales. Adolescentes. Estudio de usuarios.

## **1 Introdução**

O acesso à informação proporcionado pela *internet* e mídias digitais transformou a sociedade e, conseqüentemente, a forma de se relacionar, consumir, trabalhar e aprender (CAMARGO; DAROS, 2018). Crianças, jovens e adultos recebem, produzem e compartilham informações constantemente, o que traz implicações de diversas ordens.

As mídias sociais, principal ferramenta utilizada neste processo, podem ser definidas como:

[...] canais baseados na *Internet* que permitem que os usuários interajam quando convém e se apresentem seletivamente, em tempo real ou de forma assíncrona, com públicos amplos ou restritos que obtêm valor do conteúdo gerado pelo usuário e da percepção de interação com os outros. (CARR; HAYES, 2015, n. p., tradução nossa).

As mídias sociais abrangem um amplo espectro de *sites* de redes sociais, incluindo o Facebook, o Instagram e o Twitter, por exemplo, além de serviços de mensagens instantâneas como WhatsApp e Snapchat (NAN DEN EIJNDEN *et al.*, 2018).

Matassi e Boczkowski (2020) ressaltam que as redes sociais são amplamente utilizadas na América Latina e explicam que os propósitos desta utilização variam conforme os grupos de usuários, por exemplo: governo eletrônico para comunicação política; jornalismo e mídia tradicional para a divulgação de notícias e interação de grupos sociais (incluindo adolescentes e jovens, marginalizados, mulheres, empresários e influenciadores, estudantes e idosos), abrangendo áreas relacionadas ao comércio, turismo, educação, saúde, comunicação profissional e participação política e cívica.

As interações via redes sociais estão desempenhando um papel cada vez mais importante na vida de crianças e jovens, tornando-se essenciais a ponto de ser inconcebível para a boa parte desse grupo não participar de uma rede social. O seu uso se tornou tão integrado à vida dos jovens que, para muitos deles, é parte crucial da socialização e formação de identidades (ZWART *et al.*, 2011).

As redes sociais, potencialmente, mediam as relações sociais da vida cotidiana. Quando os indivíduos passam da infância para a vida adulta, precisam gerenciar o equilíbrio entre intimidade e privacidade, o que inclui escolher o que expor sobre si mesmo e para quem, quando e com que riscos. Essas preocupações estão cada vez mais presentes e visíveis na vida de todos, inclusive dos mais jovens (LIVINGSTONE; MASCHERONI; MURRU, 2011).

Embora sejam produtos comerciais inicialmente projetados para proporcionar a interação social, as redes sociais têm uma poderosa influência em todos os aspectos da vida das pessoas e fornecem grandes potenciais para transformar o processo de aprendizagem. No entanto, pais, educadores e bibliotecários precisam estar preparados para orientar crianças e adolescentes no uso das redes sociais.

Uma das motivações para a realização desta pesquisa foi a experiência de um dos autores que, atuando como bibliotecário escolar durante oito anos em algumas escolas, vem observando um comportamento de risco por parte de muitos estudantes nas redes sociais. Paralelamente, notou-se a inexistência de um componente curricular que tratasse dessa questão de forma sistemática e planejada ao longo dos anos escolares, propiciando o desenvolvimento de competências e habilidades informacionais e, conseqüentemente, a navegação nestes ambientes de forma mais segura por parte dos estudantes.

O uso seguro da internet por crianças e adolescentes, embora seja um tema urgente, tem sido pouco estudado na área de Ciência da Informação. Um levantamento na *Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação* (BRAPCI) sobre os temas internet e adolescentes, abrangendo o período de 2015 a 2020, revelou a existência de apenas quatro registros (KLAS; GUERRA, 2016; SILVA-JEREZ; CASARIN, 2017; SANTOS; KAFURE, 2019; GOULART;

KAFURE, 2019), sendo que um deles é da área de linguística e está focado na questão do *cyberbullying*.

Em âmbito internacional a produção sobre o tema é bastante vasta, como demonstra o estudo de Paulo e Casarin (2020) a partir da análise dos documentos indexados na base de dados Scopus até o ano de 2018. Segundo os autores, nota-se, principalmente a partir de 2009, o aumento do interesse sobre o tema, sendo que o pico de ocorrências de publicações foi em 2017.

O estudo aqui relatado traz contribuições para a área da Ciência da Informação ao abordar o comportamento de adolescentes brasileiros no uso seguro da *internet* e das mídias sociais e a postura dos responsáveis em relação a esta questão, visto a referida falta de pesquisas que reflitam a realidade brasileira. Os resultados deste estudo podem indicar conteúdos a serem abordados nas escolas e evidenciar a necessidade de execução de ações colaborativas entre professores e bibliotecários que promovam o desenvolvimento de habilidades e competências informacionais e midiáticas por parte de estudantes do ensino médio no Brasil.

Neste contexto, propôs-se a pesquisa aqui relatada tendo as seguintes questões para investigação: Como tem ocorrido o processo educativo dos estudantes do ensino médio frente ao uso das redes sociais nos últimos anos? Quais as principais atividades e atitudes dos estudantes frente ao uso da *internet*? Os pais ou responsáveis possuem conhecimento suficiente e adotam uma postura ativa na orientação para um comportamento informacional seguro neste ambiente, segundo a percepção dos estudantes ?

## **2 Novas tecnologias e aprendizagem**

Com o surgimento da *internet*, e principalmente das redes sociais e dos espaços colaborativos *on-line*, um mundo vem sendo desconstruído (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015). A difusão das tecnologias na sociedade favoreceu a ampliação da cultura de uso das novas mídias digitais e requer o desenvolvimento de habilidades que vão além dos conhecimentos básicos no uso de computadores e internet.

O uso excessivo das redes sociais pelo público infanto-juvenil sem a devida orientação e supervisão traz consequências negativas a estes usuários (KELES; MCCRAE; GREALISH, 2020). Daí a importância do acompanhamento e orientação por parte de pais e responsáveis, educadores e bibliotecários, visto que esta temática deve estar presente tanto nos lares, quanto da agenda destes profissionais (HAYNES; ROBINSON, 2015). Por outro lado, a necessidade de se estabelecer limites de segurança no uso desta ferramenta é percebida por crianças e

adolescentes como um ponto de atrito. Assim, pais e educadores podem ter dificuldades para exercer esta tarefa.

Haynes e Robinson (2015) mapearam os riscos oferecidos pelo uso da internet e os agruparam em categorias: a) ameaças externas (roubo de identidade, *phishing*, *hijacking of profile* e *malware*), b) danos físicos, c) perseguição, assédio e *cyberbullying*, discriminação e danos psicológicos. Outras categorias estabelecidas pelos autores estão relacionadas a contextos diferentes do que é focado neste estudo, por exemplo, a situação de trabalho. As redes sociais também expõem seus usuários a diversos riscos. Segundo Otto et al. (2016), os riscos relacionados à privacidade, por exemplo, podem ser divididos em: riscos colocados pelo próprio provedor das redes sociais e riscos resultantes das interações sociais do usuário.

Ante esse cenário social de amplo uso tecnológico, a escola tem um papel fundamental. Confessor (2011) entende que a escola, como um local de troca de experiências, deva propiciar que o processo de ensino e aprendizagem esteja conectado às exigências e ao contexto social dos estudantes. Para que isso aconteça, toda prática educativa deve ter caráter intencional e necessita de planejamento e sistematização (CAMARGO; DAROS, 2018). As novas gerações, por outro lado, almejam que as transformações decorrentes do estreitamento de sua relação com as tecnologias digitais e com novas formas de adquirir conhecimento também aconteçam em seu ambiente escolar (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015).

Entre os conteúdos que precisam ser pensados e abordados pela escola neste novo contexto está, por exemplo, a prevenção a condutas ilícitas, pois elas podem afetar negativamente o desenvolvimento das crianças. Moreira (2019) explica que as condutas ilícitas na *internet* podem acontecer de diversas maneiras, como por exemplo: a pedofilia (transtorno de preferência sexual por crianças e adolescentes), pornografia infantil (fotos ou vídeos de crianças e adolescentes com conteúdo sexual), *sexting* (troca de mensagens com conotação sexual via mídias digitais como celulares e computadores). Conforme Sfoggia e Kowacs (2014), o contato de crianças e jovens com material de apelo sexual, em que há pessoas nuas ou praticando sexo, tais como fotos, vídeos, textos e mensagens, está cada vez mais fácil devido ao acesso imediato, ao senso de anonimato e à distância promovidos pela *internet*. Esses são exemplos de temas que precisam ser considerados na formação dos estudantes.

Camargo e Daros (2018) apontam que a mediação dos estudantes na aquisição do conhecimento exige das instituições educacionais um novo fôlego para o desenvolvimento das habilidades exigidas nestes ambientes de troca de informação. Porém, segundo os autores, estas instituições não parecem estar suficientemente preparadas para esta tarefa.

Em relação ao ensino médio, contexto em que este estudo foi realizado, a dinâmica social contemporânea impõe novos desafios. No Brasil, os conteúdos que versam sobre a mediação das crianças com a *internet* estão estabelecidos no documento denominado *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) (BRASIL, 2018), referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para o ensino infantil, fundamental e médio. Segundo a BNCC, na definição das competências gerais da educação básica para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, os estudantes devem compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares (BRASIL, 2018). Estes preceitos estão bastante alinhados com os da competência informacional e midiática (CASARIN e CERIGATTO, 2017). O foco da BNCC para a área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio está na autonomia e protagonismo dos alunos nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações e no uso criativo das diversas mídias (BRASIL, 2018).

Os documentos que servem como referência para sistemas públicos e privados de vários níveis elaborados a partir da BNCC (BRASIL, 2018) têm incorporado à questão da cultura digital. O *Referencial Curricular do Sistema SESI-SP de Ensino* (SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA, 2020), por exemplo, preconiza que a cultura digital insere-se no contexto social dos estudantes, conceito que expressa uma nova forma de ser, se comunicar e conviver. Segundo o referido documento, a capacidade de analisar, sistematizar, sintetizar e representar informações por meio de ferramentas digitais é um dos pilares da preparação dos estudantes para as demandas do século XXI. Com esta compreensão, o documento define a fluência no uso das tecnologias como uma competência exigida pelas demandas atuais. Ser fluente no uso das tecnologias compreende também as diferentes formas de se produzir conhecimentos no mundo digital (SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA, 2020).

Considerando o processo de mudança de mentalidade trazida pelas tecnologias digitais, a análise do comportamento das pessoas envolvidas neste movimento pode possibilitar o entendimento das práticas culturais e de autodesenvolvimento que ocorrem nas redes sociais (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015). Os resultados destes estudos podem fundamentar a elaboração de documentos prescritivos educacionais e o próprio trabalho de formação dos estudantes. Um primeiro passo é a análise da organização social e de suas conexões nas quais os usuários agem (LIVINGSTONE; MASCHERONI; MURRU, 2011).

Diante do exposto, este estudo teve como objetivo geral identificar o comportamento de estudantes do ensino médio de uma escola pertencente a uma rede no interior de São Paulo, no que diz respeito ao uso da *internet* e de mídias sociais e a percepção dos mesmos sobre a postura adotada pelos pais ou responsáveis a respeito desta questão.

Estabeleceu-se ainda os seguintes objetivos específicos:

- Discutir o uso de redes sociais por estudantes do ensino médio através da análise da literatura nesse assunto;
- Identificar, através da aplicação de questionário, as mídias sociais mais utilizadas pelos estudantes participantes da pesquisa e os meios utilizados por eles para acesso à *internet*;
- Mapear as principais ações realizadas e assuntos buscados pelos participantes na *internet* nos últimos 12 meses;
- Verificar a percepção dos estudantes sobre o conhecimento e atitudes de seus pais ou responsáveis a respeito da *internet* e sobre o controle e uso da mesma.

Para alcançar tais objetivos, utilizou-se a metodologia descrita a seguir.

### **3 Metodologia**

A escola na qual os dados foram coletados foi escolhida pelo critério de conveniência, pois um dos pesquisadores atuava como bibliotecário no local. A escola está localizada em uma cidade do interior de São Paulo e pertence a uma rede particular de ensino sem fins lucrativos e que atende, principalmente, filhos de industriários. Em outubro de 2019, data da coleta de dados, a unidade em que foi realizado o estudo atendia somente estudantes do Ensino Médio (EM), sendo: três salas de primeiros anos (1º A e B de manhã e 1º C à tarde); três salas de segundos anos (2º A e 2ºB de manhã e 2ºC à tarde) e duas salas de terceiros anos (3ºA de manhã e 3ºB à tarde), em um total de 279 estudantes.

O questionário da pesquisa TIC *Kids online* Brasil 2017 - Crianças e adolescentes (CETIC.br, 2018), que tem por objetivo gerar evidências sobre o uso da *internet* por crianças e jovens no Brasil, serviu como base para a elaboração do instrumento de coleta de dados. A escolha deste questionário se deveu ao fato do mesmo ser um instrumento cujo conteúdo abordado vai ao encontro dos objetivos da pesquisa e pelo fato do mesmo ter sido elaborado e testado junto ao público brasileiro desde 2009, data da primeira edição da pesquisa, tornando-o um instrumento confiável e adequado aos propósitos desta pesquisa. O questionário completo, intitulado “Pesquisa sobre o uso das tecnologias de Informação e Comunicação por

adolescentes”, era composto por 85 perguntas fechadas, ou seja, com opções de resposta pré-estabelecidas, porém era aplicado individualmente pelos pesquisadores. O questionário utilizado neste estudo é composto pelas mesmas questões, porém as questões foram dispostas na plataforma SurveyMonkey<sup>1</sup>, que é uma empresa baseada em nuvem para realização de pesquisas *online*. Desta forma, o questionário pode ser respondido pelos próprios alunos sem a mediação do pesquisador. O questionário contém três questões sobre o perfil dos respondentes (idade, sexo e série escolar que está cursando) e 82 questões sobre o comportamento dos respondentes em relação às mídias sociais e uso da internet.

Para este artigo, foram selecionadas as variáveis que abordam os seguintes aspectos: principais equipamentos utilizados pelos estudantes para acessar a *internet*, ações realizadas e o local utilizado para acesso à *internet* e às redes sociais, assuntos buscados, grau de conhecimento e postura dos pais ou responsáveis pelos participantes em relação à *internet*, além das questões de caracterização.

Para a realização da coleta, as diferentes turmas do primeiro ao terceiro ano do ensino médio foram encaminhadas em dias alternados ao laboratório de informática da escola onde o link do questionário foi compartilhado nos computadores. Durante a coleta houve o acompanhamento do bibliotecário e do assistente de informática da escola.

Os dados coletados foram tabulados em planilha Excel e organizados em tabelas e gráficos. Em seguida foi realizada uma análise descritiva dos resultados. Obteve-se 217 respostas, visto que alguns estudantes faltaram nos dias de aplicação do questionário. As respostas de um dos sujeitos foram eliminadas, pois ele respondeu apenas às questões de caracterização, totalizando então 216 respondentes, o que corresponde a 77,4 % do total de 279 estudantes do ensino médio matriculados na escola à época da coleta de dados, conforme foi informado pela secretaria da escola.

Quanto ao perfil dos respondentes, verificou-se que a idade variou entre 15 e 17 anos; 52,53% dos 216 participantes se definem como sendo do gênero masculino, 42,40% do gênero feminino, 1,84% escolheram a opção “outro” e 3,23% preferiram não responder. Sobre a distribuição dos respondentes entre os três anos escolares, constatou-se que 40,8% (88) dos respondentes estavam no 1º ano do EM, 37,0% (80) no 2º ano do EM e 22,2% (48) no 3º ano do EM. Houve uma maior participação de alunos dos dois primeiros anos, o que é compatível com a quantidade de salas de cada turma, conforme foi apontado anteriormente. A seguir são apresentados e discutidos os resultados.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://pt.surveymonkey.com/>. Acesso em: 25 fev. 2020.

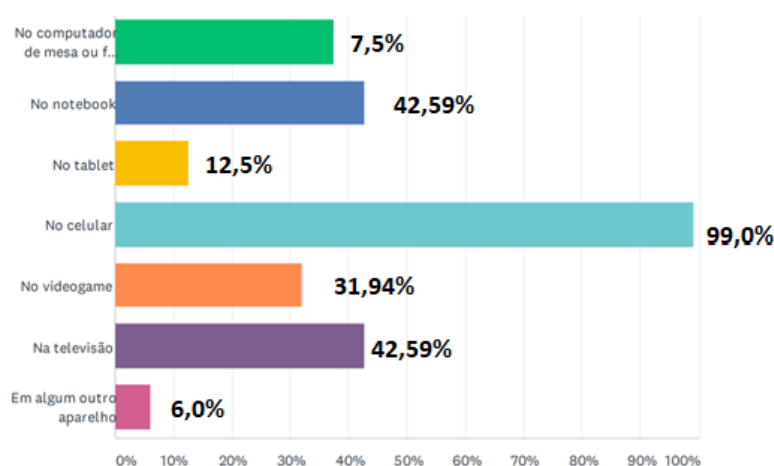


#### 4 Resultados e discussão

Primeiro perguntou-se aos estudantes quais eram os equipamentos utilizados por eles para acessar a *internet*. Os estudantes respondentes podiam selecionar mais de uma opção de resposta se quisessem. Conforme se vê no Gráfico 1, o celular é o principal equipamento utilizado para ter acesso à *internet*, tendo sido indicado por 99,0% (214) dos participantes da pesquisa; a televisão e o *notebook* receberam o mesmo número de indicações 42,59% (92 respondentes). Em seguida está o computador de mesa ou fixo com 7,5% (81 respondentes) e o videogame 31,94% (69 respondentes). O *tablet* é um dos dispositivos menos utilizados, pois apenas por 12,5% (27 respondentes) o indicaram. 6,0% (13 respondentes) assinalaram a opção “algum outro aparelho”, porém, não o especificaram quais seriam estes outros aparelhos.

Estes resultados diferem parcialmente dos da pesquisa de Silva-Jerez (2016) que identificou que a principal forma de acesso à internet entre os adolescentes participantes de sua pesquisa era o computador e seguido do celular.

**Gráfico 1** - Equipamentos utilizados pelos estudantes para acessar a *internet*



**Fonte:** Dados da pesquisa

Já pesquisa do CETIC.br (2018, 2019) aponta o celular como o principal dispositivo utilizado por crianças e adolescentes como principal meio de acesso à internet. A proporção de usuários de *Internet* na faixa etária investigada que acessaram a rede por meio do celular, segundo a referida pesquisa, foi de 93%, o equivalente a 22,7 milhões de indivíduos com idade entre nove e 17 anos. Também cresceu a proporção de usuários cujo acesso à *Internet* é feito

exclusivamente pelo celular: a pesquisa mostra que, para 53,0% dos usuários investigados, o celular foi o único dispositivo usado para acessar a rede. Nas classes D e E essa proporção foi de 71,0%. Em contrapartida ao celular, nota-se que o acesso à rede pela televisão aumentou em 2018 (32%), seguindo a tendência de alta observada desde 2014, quando apenas 5% das crianças e adolescentes conectados utilizavam esse dispositivo para acessar a *Internet*. (CETIC.br, 2019).

O uso do celular como mídia mais utilizada para acessar a *internet* também é constatado em uma a pesquisa realizada por Goulart (2018) e Santos e Kafure (2019). Segundo Goulart e Kafure (2019), a facilidade de acesso à *web* foi favorecida pela ampliação do acesso aos *smartphones*.

Observa-se que as duas mídias mais utilizadas para acessar a *internet*, segundo as pesquisas relatadas, ou seja, o celular e também a televisão, não facilitam a escrita de textos longos, o que não contribui para o desenvolvimento destas competências. Existe a preocupação por parte dos educadores sobre a influência da prática da escrita utilizada na *internet*, na escrita formal utilizada na escola. Apesar dos estudos de Kipper e Silva (2016) não serem conclusivos e apontarem para a necessidade de mais pesquisas, os resultados obtidos pelos autores apontam que há de fato a utilização de neologismos da internet em textos formais. Os estudantes, porém, conseguem fazer uma diferenciação de qual linguagem utilizar em cada contexto, seja ele formal ou informal. Assim, esta influência parece ser limitada.

Quanto aos locais onde os estudantes acessam a *internet*, a pesquisa demonstrou que 98,6% (213) possuem acesso à *internet* em suas próprias casas e 84,7% (183) acessam na escola. 65,28% (141 dos estudantes) indicaram também acessar a *internet* em locais públicos, como por exemplo, *shopping*, igreja ou lanchonete e 76,8% (166) recorrem à casa de um amigo ou vizinho. Uma parcela menor recorre à *lan house* (8,3% ou 18 estudantes) e aos telecentros (3,7% ou 08 estudantes), provavelmente pela falta de outras opções ou devido a pouca qualidade do sinal a que têm acesso.

Esses resultados confirmam pesquisas anteriores que apontam o uso da *internet* regularmente tanto na escola, quanto em casa (ZWART *et al.*, 2011). Goulart (2018) também aponta em sua pesquisa que o local onde os jovens mais acessam a *internet* é a própria residência (para 14 dos 20 respondentes), seguida pelas respostas: "em todo lugar" (3), "em casa e na escola" (2) e "na escola" (1).

Por outro lado, esses resultados diferem da pesquisa CETIC.br (2018), segundo a qual 3,8 milhões de crianças e adolescentes entre nove e 17 anos reportaram que nunca haviam acessado a *internet* ou não tiveram acesso nos três meses anteriores à pesquisa. Entre os não usuários, 2,2 milhões de crianças e adolescentes alegaram a ausência de *internet* no domicílio

como motivo para não acesso. O fato de não poderem acessar a *internet* na escola foi mencionado por 1,4 milhão de crianças e adolescentes. Os principais motivos mencionados por crianças e adolescentes para não acessar a *internet* reforçam que o acesso domiciliar tem sido o principal impulsionador do uso da rede entre esses usuários. As escolas, por sua vez, representam um potencial relevante e ainda não plenamente aproveitado para garantir a ampliação do acesso à rede para esse público no país (CETIC.br, 2019).

Foi perguntado ainda com que frequência eles utilizam a *internet*. Quase a totalidade dos estudantes (93,5% ou 202) afirmou que acessa mais de uma vez ao dia, ao passo que apenas 5,6% (12 estudantes) indicaram acessar pelo menos uma vez por dia; menos de 1,0% (dois respondentes) indicou frequência de uso semanal ou mensal.

Estes resultados são compatíveis com os da pesquisa *TIC Kids Online Brasil* (CETIC.br, 2019), segundo a qual a frequência de uso da *internet* por crianças e adolescentes de 9 a 17 anos é crescente no país. A proporção daqueles que utilizaram a rede todos os dias ou quase todos os dias passou de 47,0% em 2012, para 88,0% em 2018. Também foi observado um aumento na proporção daqueles que utilizaram a *internet* mais de uma vez por dia nos últimos anos, a qual passou de 68,0% em 2015, para 75,0% em 2018. No entanto, assim como observado para o acesso, há diferenças relevantes nas proporções de uso da rede mais de uma vez por dia entre indivíduos de diferentes perfis sócio demográficos. Entre as crianças e adolescentes de áreas urbanas (77,0%) e de classes A e B (87,0%), o uso foi mais frequente do que entre os residentes na área rural (63,0%) e os pertencentes às classes D e E (64,0%). A faixa etária também é uma variável relevante, sendo que a frequência de uso da *internet* foi mais elevada entre usuários de 15 a 17 anos (81% relataram utilizar a *internet* todos os dias). Já entre os usuários de *internet* de 9 a 10 anos, a proporção dos que utilizaram a *internet* mais de uma vez ao dia foi de 65,0% (CETIC.br, 2019).

Os resultados obtidos por Goulart (2018) demonstraram que a maioria dos participantes da pesquisa usa a *internet* todos os dias (19 entrevistados) e apenas um usa a *web* duas vezes por semana, pois seu celular não permite acesso à rede, possibilitando somente acesso de sua residência. Este fato traz a discussão sobre a condição socioeconômica e acesso à informação, pois o participante fazia parte do grupo da escola pública rural. Daqueles que afirmaram usar a *internet* todos os dias, oito navegam durante todo o dia; um seis vezes ao dia; um duas vezes por dia; um uma vez ao dia; quatro entre cinco a sete horas por dia.

Perguntou-se aos estudantes quanto tempo eles costumam passar conectados à *internet* por dia. Dos 216 respondentes, 51,0% (110) afirmaram ficar mais de cinco horas conectados, 12,5% (27,0%) ficam entre quatro e cinco horas, os quais podem ser considerados

períodos bastante longos, 20,0% (43) ficam entre três e quatro horas e apenas 16,5 % (36) ficam menos de três horas, o que seria o ideal.

A pesquisa de Nan Den Eijnden *et al.* (2018) demonstrou que as principais consequências para o uso excessivo das mídias sociais são o prejuízo ao bem estar psicológico dos adolescentes e a queda do rendimento escolar. Por esta razão, há urgência em se desenvolver habilidades de uso seguro neste ambiente.

Para se ter uma percepção das atividades realizadas na *internet* pelos estudantes que fazem parte do universo da pesquisa, verificou-se se eles já haviam realizado uma ou mais das atividades elencadas na Tabela 1. Conforme se vê na referida tabela, o envio de mensagens utilizando diferentes ferramentas é praticado por todos os participantes da pesquisa (216), seguida de assistir vídeos, programas, filmes ou séries na *internet* (99,5%) e uso de redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter, com 98,0% (212 dos estudantes), ou seja, quase todos os estudantes utilizam estas ferramentas consumindo e produzindo informações. O compartilhamento de texto, imagem ou vídeo também é bastante frequente entre os participantes, visto que foi indicada por 92,6% dos estudantes. Esta prática será abordada novamente em outras questões mais adiante neste artigo.

**Tabela 1** - Atividades realizadas na *internet* pelos estudantes participantes da pesquisa

Atividade	Frequência	Porcentagem
Mandou mensagens no WhatsApp, Snapchat ou chat do Facebook	216	100%
Usou o Facebook, Instagram, Twitter ou outra rede social	212	98,0%
Compartilhou na Internet um texto, imagem ou vídeo	200	92,6%

**Fonte:** Dados da pesquisa

Os resultados obtidos nesta questão foram semelhantes aos da pesquisa CETIC.br (2018), segundo a qual 82% dos usuários de *internet*, cerca de 20 milhões de crianças e adolescentes brasileiros entre nove e 17 anos, possuíam perfis em redes sociais. WhatsApp também foi reportado como aplicativo em que crianças e adolescentes mais mantêm perfis (72,0%), superando o Facebook (66,0%) pela primeira vez na série histórica da pesquisa. Já o Instagram apresentou o maior crescimento em relação ao número de crianças e adolescentes que possuem perfil na plataforma, saltando de 36,0%, em 2016, para 45,0%, em 2018 (CETIC.br, 2018). A pesquisa de Santos e Kafure (2019) também apontam o Facebook, o Instagram e

WhatsApp como principais mídias sociais acessadas pelos adolescentes participantes da pesquisa.

A pesquisa de Livingstone, Mascheroni e Murru (2011), com cerca de 25.000 crianças europeias, sendo 1000 crianças de cada um dos 25 países participantes, também apresentou resultados semelhantes. Os autores identificam que o envio de mensagens instantâneas era realizado por 82,0% dos participantes; o uso de redes sociais era um pouco menor (78,0%), porém, é possível que se a coleta tivesse sido realizada nos últimos anos o resultado fosse diferente, visto que se tem notado um aumento do uso de redes sociais por crianças e adolescentes. Ainda segundo a pesquisa, os aplicativos são usados entre um quarto e um terço dos participantes para se comunicar com as pessoas que eles não se encontraram pessoalmente, mas fazem parte de seu círculo social *offline*. Mais de um quarto dos participantes usa jogos virtuais e salas de bate-papo para comunicar-se com pessoas com as quais não têm outra conexão se não o contato via *Internet*.

Estes resultados indicam a necessidade de desenvolvimento de competências e habilidades informacionais dos estudantes para o uso seguro destas ferramentas, pois, não se pode imaginar a escola como único espaço do saber, o professor como única fonte de informação confiável e a biblioteca como arquivo de dados do mundo. As crianças e adolescentes possuem acesso a múltiplos canais para acesso à informação em seu cotidiano.

Outra preocupação desta pesquisa foi identificar se os estudantes adotaram alguma conduta relacionada ao *sexting*. Assim, foi perguntado se, nos últimos 12 meses, os estudantes tinham realizado alguma das ações elencadas na Tabela 2.

**Tabela 2** - Prática de *sexting* pelos estudantes nos últimos 12 meses

Opções de resposta	Frequência	Porcentagem
Viu alguma imagem, foto ou vídeo de pessoas peladas <sup>2</sup> ou fazendo sexo	157	72,7%
Falou com alguém na Internet sobre sexo	99	45,8%
Enviou pela Internet uma mensagem sobre sexo (texto, imagens ou vídeo)	76	35,2%
Pediu para uma pessoa te mandar na Internet uma foto ou vídeo em que ela aparecia pelada	48	22,0%
Enviou para uma pessoa pela Internet uma foto ou vídeo em que você aparecia pelado (a)	41	19,0%
Postou uma mensagem na Internet sobre sexo (texto, imagens ou vídeo) que outras pessoas podiam ver	24	11,0%

<sup>2</sup> Termo utilizado conforme o questionário original da pesquisa CETIC.Br (2018).

Nenhuma dessas coisas aconteceu com você	81	37,5%
Prefiro não responder	23	10,7%
Não sei	6	2,8%

**Fonte:** Dados da pesquisa

Conforme os resultados apresentados na Tabela 2, as ações de *sexting* estiveram bastante presentes entre os estudantes participantes da pesquisa nos últimos 12 meses. A prática mais frequente é ver alguma imagem ou foto ou assistir vídeos em que há pessoas nuas ou fazendo sexo (72,0% dos participantes); falar com outras pessoas sobre sexo aparece em segundo lugar (45,8%), seguida do envio de texto, imagem ou vídeo (35,2%). 22,2% (48 estudantes) pediram para uma pessoa enviar uma foto ou vídeo em que aparecia sem roupas e 19,0 % (41) enviou para outra pessoa uma foto ou vídeo em que aparecia nu. 11,0% (24 estudantes) postou uma mensagem sobre sexo (texto, imagens ou vídeo) que outras pessoas podiam ver, provavelmente em redes sociais.

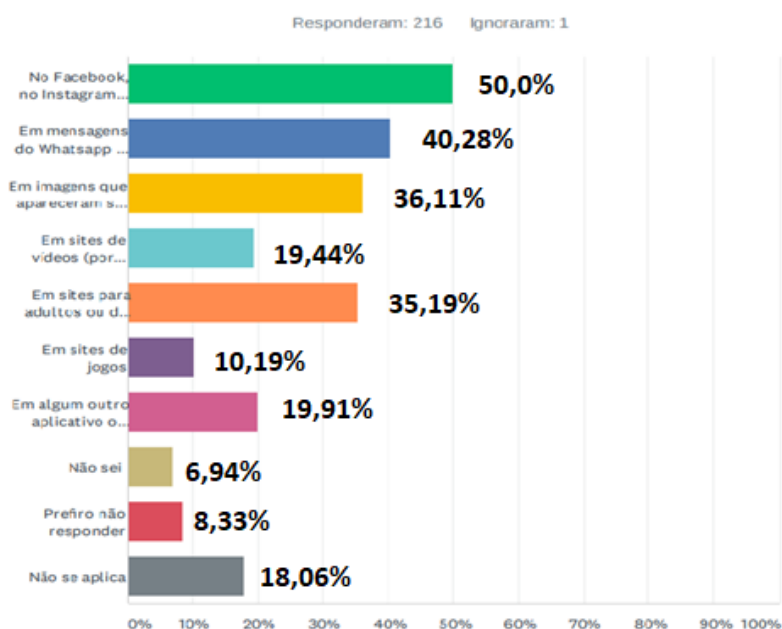
A *TIC Kids Online Brasil* (CETIC.br, 2018) também tem investigado o contato das crianças e adolescentes com conteúdo de natureza sexual na rede. Em 2017, 14% dos usuários de 9 a 17 anos declararam ter visto imagens ou vídeos de conteúdo sexual na *internet*, sendo que o contato com esse tipo de tema foi mais frequente entre os adolescentes de 15 a 17 anos (23,0%), mesma faixa etária dos estudantes objeto desta pesquisa. Na pesquisa de Silva-Jerez (2016), sexo e sexualidade foram apontados como temas de interesse para 15,2% dos respondentes, mas também foram temas evitados por outros 11,4% dos respondentes do mesmo estudo, o que evidencia, como no caso da pesquisa aqui relatada, o interesse pelo tema por grande parte dos participantes. A pesquisa de Goulart e Kafure (2019) também identificou a prática de *sexting* entre os participantes.

No caso da pesquisa aqui relatada, 29,2% (63 estudantes) informaram se sentir incomodados com imagem com cunho sexual, enquanto que 43,1% (93) afirmaram não ter ficado incomodados; 8,3% (18 estudantes) não sabiam responder; 5,1% (11 estudantes) preferiram não responder e 14,3% (31 estudantes) indicaram que esta questão não se aplicava ao seu caso. Vale destacar que apenas 6,0% do total de usuários entre nove e 17 anos no levantamento CETIC.br (2018) disseram que se sentiram incomodados após contato com imagens ou vídeos desse tipo na Internet, demonstrando uma tendência dos adolescentes a não reconhecerem este tipo de prática como risco.

Mensagens de apelo sexual podem chegar até as crianças e adolescentes de forma consensual (ou não) e pode interferir na forma como adolescentes e adultos jovens interagem

sexualmente. Assim, foi perguntado aos estudantes em que locais eles viram esse tipo de imagens, fotos ou vídeos. Os resultados estão reunidos no Gráfico 2.

**Gráfico 2** - Locais onde os estudantes viram imagens, fotos ou vídeos com apelo sexual



**Fonte:** Dados da pesquisa

Conforme o Gráfico 2, 50% (108) dos estudantes afirmaram que viram este tipo de material no Facebook, Instagram, Twitter ou outra rede social; 40,28% (87) receberam em mensagens do WhatsApp ou Snapchat; para 36,11% (78) em imagens que apareceram sem querer na internet. Estes resultados demonstram que é necessária uma formação específica para que os alunos estejam alerta para este tipo de conteúdo; já 35,19% indicaram ter visto este tipo de imagem em sites para adultos ou em vídeos pornográficos, indicando que eles buscaram intencionalmente este tipo de conteúdo. 19,91% afirmam ter visto este tipo de imagem em algum outro aplicativo ou site na internet e 10,19% em sites de jogos. Percebe-se então que, para o público investigado, a principal forma de acesso a conteúdos relacionados a sexo é via redes sociais.

Vale lembrar que a prática do *sexting* entre adolescentes é comum. Porém, essas imagens quando vazadas sem consentimento, podem trazer grandes problemas aos envolvidos. No Brasil, a maioria dos adolescentes expostos é do sexo feminino e o peso da exposição vexatória, em alguns casos, termina em suicídio (CETIC.br, 2018).

Com o objetivo de mapear os principais assuntos buscados pelos estudantes na *internet*, foi perguntado se, nos últimos 12 meses, eles tinham buscado um ou mais assuntos relacionados aos temas elencados na Tabela 3. A questão era fechada e os estudantes podiam assinalar mais de uma opção de resposta. As opções eram as mesmas do questionário do CETIC.br (2018) no qual o estudo está baseado.

**Tabela 3:** Assuntos buscados na internet pelos respondentes nos últimos 12 meses

Opções de respostas	Frequência	Porcentagem
Formas para ficar muito magro (a)	93	43%
Experiências ou o uso de drogas	84	39%
Formas de machucar a si mesmo (a) fisicamente	62	28,7%
Formas de cometer suicídio	59	27,3%
Você não viu nenhuma dessas coisas	79	36,6%
Não sei	9	4,2%

**Fonte:** Dados da pesquisa

Conforme a Tabela 3, 36,6% dos estudantes afirmaram não ter visto nenhum dos assuntos elencados, mostrando que a maioria dos participantes teve contato pelo menos com um dos assuntos. Considerando que a maioria acessa a *internet* de casa e sem a mediação dos pais ou responsáveis, este dado é preocupante. Os assuntos com maior incidência de busca foram: “formas de ficar magro”, que pode estar associado à tendência para anorexia, com 43,0% das respostas; em segundo lugar sobre “experiência ou uso de drogas”, com 39,0%; em terceiro lugar vem “formas de machucar a si mesmos fisicamente” com 28,7%; e “formas de cometer suicídio”, com 27,3 % e 4,2% não souberam responder.

Vários destes assuntos, entre eles o uso de drogas, suicídio e problemas mentais, coincidem com alguns dos problemas decorrentes da depressão e ansiedade causadas pelo uso excessivo das mídias sociais entre adolescentes, segundo Keles, Mccrae e Grealish (2020).

Os resultados apresentados na Tabela 3 remetem à pesquisa de Cicogna, Hillesheim e Hallal (2019). Segundo os autores, no Brasil houve um aumento significativo da mortalidade por suicídio principalmente entre adolescentes do sexo masculino. A escola e os responsáveis por estes estudantes devem se manter alerta em relação a essas questões, pois muitas vezes estes jovens deixam sinais evidentes sobre a vontade de cometer suicídio através das redes sociais. Ressalta-se que, entre os fatores de risco para o suicídio entre adolescentes, segundo os autores, está o uso patológico de *internet*.



Considerando que é recomendável que pais ou responsáveis façam a mediação em relação ao uso da *internet*, perguntou-se aos estudantes se eles consideram que sabem mais sobre *internet* do que seus pais. As respostas estão reunidas na Tabela 4.

**Tabela 4** - Opinião dos estudantes em relação ao nível de conhecimento de seus pais ou responsáveis a respeito de *internet*

Opções de respostas	Frequência	Porcentagem
Concorda	166	76,8%
Não concorda, nem discorda	40	18,5%
Discorda	10	4,6%
Total	216	100%

**Fonte:** Dados da pesquisa.

A Tabela 4 demonstra que a grande maioria dos estudantes (76,8%) considera que seu nível de conhecimento a respeito de *internet* é maior que o de seus pais ou responsáveis. Apenas 4,6% consideram que seus pais ou responsáveis sabem tanto ou mais que eles a respeito da *internet* e 18,5% não se posicionaram claramente, escolhendo a opção “nem concorda nem discorda”. Não ter conhecimento ou ter pouco conhecimento sobre a *internet* implica provavelmente em limitações na orientação para o uso seguro da mesma e no devido acompanhamento do comportamento dos estudantes na rede como seria o desejável.

Considerando o alerta de Sousa *et al.* (2016), de que, no caso de crianças e adolescentes, os pais ou responsáveis devem ser cuidadosos e acompanhar o que os filhos estão fazendo nas redes sociais, visto que os riscos são inúmeros, incluindo desde o possível assédio, até o *bullying* ou *cyberbullying*, foi perguntado aos estudantes sobre a privacidade do local onde eles usam a *internet*. 80,0% (162) dos 216 estudantes participantes da pesquisa confirmam que usam a *internet* sem que ninguém veja o que estão fazendo e 25,0% (54) não confirmam esta prática. Considerando a idade dos participantes, é compreensível que os pais ou responsáveis não acompanhem o uso da *internet* por seus filhos muito de perto. Em geral, o controle é feito pelo tempo de acesso, mas não em relação às ações realizadas por eles como será abordado na questão seguinte.

Os estudantes foram perguntados sobre o quanto eles acham que seus pais ou responsáveis sabem sobre o comportamento deles na *internet*. Conforme a tabela 5, percebe-se que, no caso dos participantes desta pesquisa, os pais ou responsáveis não fazem o devido acompanhamento do que seus filhos fazem na *internet*, pois a maioria dos respondentes (64,6%)

considera que eles sabem “mais ou menos” e 10,7% que não sabem nada. Apenas 17,7% afirmaram que eles sabem muito. 7,0% não souberam responder e um estudante (0,5%) não respondeu esta questão. Tais resultados reforçam o papel da escola na orientação tanto de pais, como dos alunos.

**Tabela 5** - Opinião dos estudantes sobre o quanto os pais ou responsáveis sabem sobre o que eles fazem na *internet*

Grau de concordância	Frequência	Porcentagem
Mais ou menos	139	64,6%
Muito	38	17,7%
Nada	23	10,7%
Não sabe	15	7,0%
Não respondeu	1	0,5%
Total	216	100%

**Fonte:** Dados da pesquisa

A pesquisa de Beserra *et al.* (2016) demonstrou que a maioria dos pais/responsáveis dos pesquisados se preocupam com a vulnerabilidade dos adolescentes usuários da *internet*, pois muitos expõem suas vidas, por meio de comentários ou compartilhamento de dados pessoais.

Os resultados obtidos nesta pesquisa diferem da CETIC.br (2018), segundo a qual, entre os usuários de 9 a 10 anos, 71,0% reportaram que seus pais olham o celular para ver o que estão fazendo ou com quem estão falando (proporção que é de 40,0% para a população de 15 a 17 anos), 77,0% reportaram regras para o uso do celular (37,0% para aqueles de 15 a 17 anos) e 81,0% que seus pais os deixam um tempo sem usar o celular (34,0% para usuários de 15 a 17 anos).

Foi perguntado ainda se alguém os havia orientado sobre como usar a *internet* com segurança. Conforme os resultados, 60,47% (130 estudantes) responderam afirmativamente e 39,53% (85 estudantes) disseram que não haviam sido orientados, o que representa um alto índice de estudantes considerando os riscos já comentados anteriormente. Um dos estudantes não respondeu.

## 5 Conclusão

Várias áreas do conhecimento, além da Ciência da Informação, têm se dedicado ao estudo sobre o uso seguro e saudável da internet e das mídias sociais por crianças e

adolescentes. A Educação e a Biblioteconomia ocupam uma posição estratégica, pois atuam na formação dos estudantes desde a tenra idade.

Ao revisar o processo educativo dos estudantes brasileiros frente ao uso das redes sociais nos últimos anos através da literatura pode-se perceber que, no discurso oficial, a escola é instada a desenvolver o processo de ensino e aprendizagem relacionado às exigências e ao contexto social dos estudantes, abordando inclusive temas como o uso seguro das redes sociais. A questão é de que forma relacionar estes conhecimentos com os componentes curriculares adotados pela escola e se o preparo dos atores envolvidos neste processo, sejam eles professores e bibliotecários, para trabalhar com estes conteúdos é suficiente frente à demanda.

Esta e outras pesquisas anteriores têm demonstrado que, embora os estudantes acessem a *internet* em ambientes supostamente seguros, como suas casas e na escola, os adultos pouco sabem sobre o que eles têm consumido ou acessado, seja por que não procuram saber como os adolescentes têm utilizado as redes sociais e a *internet*, seja por não ter domínio da tecnologia e, possivelmente, também dos riscos a que as crianças e adolescentes estão expostos.

Os adolescentes participantes deste estudo indicaram adotar um comportamento de risco ao falar com pessoas muitas vezes desconhecidas sobre sexo, envio e recebimento de fotos e vídeos com mesmo conteúdo, por exemplo. O comportamento de risco também é percebido nos assuntos pesquisados por eles, que inclui temas sensíveis, como uso de drogas, suicídio e dietas para emagrecimento, entre outros. Verificou-se que, entre os participantes da pesquisa, ocorrem principalmente os comportamentos de risco resultantes das interações sociais realizadas pelos estudantes.

Deste modo, conclui-se que a escola tem um papel fundamental no preparo do aluno para lidar de forma segura com o universo informacional a que eles têm acesso cotidianamente, visto que os pais e responsáveis não estão suficientemente atentos e preparados para esta função. Há necessidade de uma preparação dos professores e bibliotecários para que possam ministrar adequadamente os componentes curriculares relacionados ao uso de recursos informacionais. Assim, os professores poderão contribuir para o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos, seja em sala de aula ou outros espaços pedagógicos da escola, trabalhando em parceria com bibliotecários, analistas de suporte de informática ou outros profissionais.

Ações de parceria entre professor e o bibliotecário, tendo bases pedagógicas sólidas, podem desenvolver um comportamento seguro dos estudantes no uso da rede. Entre estas ações estão, por exemplo: roda de conversa sobre o tema, apresentação de casos reais de

comportamento não seguro através de vídeos e suas consequências e ações práticas de verificação de redes sociais após a abordagem de um tema específico sobre segurança da informação.

No caso dos participantes da pesquisa, foi dado um passo importante na percepção da necessidade de desenvolvimento de competências e habilidades para um comportamento seguro nas redes sociais por parte da escola. Estes conteúdos estão inclusive previstos nos projeto pedagógico da escola.

Como contribuições para trabalhos futuros, sugere-se que o ponto de partida para ações de intervenção seja as necessidades reais apresentadas pelos estudantes, que podem ser identificadas através do levantamento do conhecimento prévio dos mesmos sobre o tema. Os documentos que contém recomendações sobre segurança da informação e competência informacional e midiática ou o conteúdo do componente curricular recomendado no projeto pedagógico da escola devem ser considerados para um bom planejamento do conteúdo a ser abordado em atividades de formação para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas a um comportamento seguro nas redes sociais. Ressalta-se, porém, que não se deve prescindir desta etapa inicial de identificação do conhecimento e necessidade dos estudantes para que a atividade de formação seja mais significativa e motivadora para os participantes.

Sugere-se ainda a realização de novas pesquisas sobre a segurança da informação nas redes sociais nas escolas brasileiras abrangendo uma população mais ampla para se ter a possibilidade de generalização dos resultados, visto que a presente pesquisa se ateve aos estudantes de uma escola específica. Investigações futuras também devem analisar outras facetas e aspectos que possam propiciar o aprimoramento de uma sequência didática que desenvolva a competência informacional e midiática dos estudantes de forma planejada e crescente ao longo dos anos escolares.

## Referências

ALVARENGA, Fabíola de Oliveira et al. A influência da linguagem escrita presente na internet, leitura e escrita dos adolescentes. *Saberes Interdisciplinares*, [S.l.], v. 10, n. 20, p. 69-84, maio 2019. ISSN 2675-2255. Disponível em: <http://186.194.210.79:8090/revistas/index.php/SaberesInterdisciplinares/article/view/305>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Org.) *Ensino híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. 270 p.

BESERRA, G. de L. *et al.* Atividade de vida “comunicar” e uso de redes sociais sob a perspectiva de adolescentes. *Cogitare Enfermagem*, [S.l.], v. 21, n. 1, jan. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/41677/27247>. Acesso em: 8 mar. 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v21i4.41677>

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 2 de fev. de 2020.

CAMARGO, F.; DAROS, T. *A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo*. Porto Alegre: Penso, 2018.

CARR, Caleb T.; HAYES, Rebecca A. Social media: Defining, developing, and divining. *Atlantic journal of communication*, v. 23, n. 1, p. 46-65, 2015.

CASARIN, Helen de C. S.; CERIGATTO, Mariana Pícaro. *Articulação entre as competências informacional e midiática: uma nova alfabetização para a informação e a mídia*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., Marília, 2017.

CETIC.br. *Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018. Disponível em: <https://cetic.br/arquivos/kidsonline/2017/criancas/>. Acesso em: 25 de fev. 2020.

CETIC.br. *Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC kids on line Brasil*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2018>. Acesso em: 26 de fev. de 2020.

CICOGNA, J. I. R. ; HILLESHEIM, D. ; HALLAL, A. L. L. C. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 1-7, Mar. 2019 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852019000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852019000100001&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 2 Mar. 2020.

CONFESSOR, F. I. C. *Novas tecnologias: desafios e perspectivas na educação*. Clube dos Autores, Brasil, 2011. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/as-novas-tecnologias-na-escola-e-sua-relacao-com-a-aprendizagem/>. Acesso em: 1 de fev. de 2020.

GOULART, Andrea Heloiza. *Adolescência, internet e práticas informacionais*. 2018. 203 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32018>. Acesso em: 20 jul. de 2020.

GOULART, A.H; KAFURE, I. Práticas informacionais de adolescentes na internet. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 12, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rici.v12.n3.2019.20761>. Acesso em: 20 jul. 2020.

HAYNES, D., ROBINSON, L. Defining user risk in social networking services. *Aslib Journal of information management*, v. 67, n. 1, p. 94-115, 2015. Disponível em: <http://openaccess.city.ac.uk/6228/&gt>. Acesso em: 14 nov. 2020.

KELES, Betul; MCCRAE, Niall; GREALISH, Annmarie. A systematic review: the influence of social media on depression, anxiety and psychological distress in: *Adolescents International Journal of Adolescence and Youth*, v. 25, n. 1, p. 79-93, 2020.

KIPPER, Daiany; SILVA, Cátia Grasiela da. Neologia e *internet*: um estudo sobre a interferência do internetês na escrita formal de uma adolescente. *Simpósio Internacional de Educação à Distância*. São Carlos, 2016. Disponível em: <http://www.sied-enped2014.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/article/view/1677/853>. Acesso em: 14 nov. 2020.

KLAS, S. S.; GUERRA, V. M. L. As agruras do cyberbullying: memória e discurso. *Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som Policromias*, v. 1, n. 2, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/118424>. Acesso em: 27 jul. 2020.

LIVINGSTONE, S.; MASCHERONI, G.; MURRU, M.F. Social networking among European children: new findings on privacy, identity and connection. *Hermès*, n. 59. p. 89-98, 2011. Disponível em: [http://eprints.lse.ac.uk/59302/1/Livingstone\\_et al\\_Social-networking-among-European-children\\_2011.pdf](http://eprints.lse.ac.uk/59302/1/Livingstone_et al_Social-networking-among-European-children_2011.pdf). Acesso em: 30 de jan. de 2020.

MATASSI, M.; BOCZKOWSKI, P. J. Redes sociales en Iberoamérica: artículo de revisión. *El profesional de la información*, v. 29, n. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2020.ene.04>. Acesso em: 7 de mar. 2020.

MOREIRA, R. P. et al. Prevenção de crimes virtuais contra crianças e adolescentes. *Interfaces-Revista de Extensão da UFMG*, v. 7, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/19104/16347>. Acesso em: 20 jul. de 2020.

NAN DEN EIJNDEN, Regina, et al. The impact of heavy and disordered use of games and social media on adolescents' psychological, social, and school functioning. *Journal of Behavioral Addictions*, v. 7, n. 3, p. 697-706, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1556/2006.7.2018.65>. Acesso em: 20 jul. 2020.

OTTO, F. et al. Perception of Privacy Risks in Using Social Networking Sites for Learning: a study of Uganda Christian University. In: VINCENTI, G.; BUCCIERO A.; Vaz de Carvalho, C. E-Learning, E-Education, and Online Training. eLEOT 2015. *Lecture Notes of the Institute for Computer Sciences, Social Informatics and Telecommunications Engineering*, v. 160, Springer, Cham. 2016. Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-28883-3\\_23](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-28883-3_23). Acesso em: 27 de jan. 2020.

PAULO, R. B. ; CASARIN, Helen de C. S. Uso seguro da informação: uma análise na base de dados SCOPUS. *Palavra Chave, Argentina*, v. 9, p. 1, 2020.

RIBAS, Elisângela, et al. A influência da linguagem virtual na linguagem virtual na linguagem formal de adolescente. *RENTE. Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 5, p. 1-13, 2007. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8dElisangela.pdf>

SANTOS, S. K. S. L.; KAFURE, I. Práticas informacionais de jovens e adultos: uma experiência com estudantes do Proeja. *Ponto de Acesso*, v. 13, n. 2, p. 256-272, 2019. DOI: 10.9771/rpa.v13i2.29711 Acesso em: 27 jul. 2020.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA, São Paulo. *Referencial Curricular do Sistema Sesi-SP de Ensino: Ensino Médio / Sesi-SP – Serviço Social da Indústria*. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2020.

SFOGGIA, A.; KOWACS, C. Sexualidade e novas tecnologias. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 16, n. 2, p. 4-17, 2014. Disponível em: [http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=150](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=150). Acesso em: 8 de mar. de 2020.

SILVA-JEREZ, N. S. *Comportamento informacional cotidiano de adolescentes*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, 2016.

SILVA-JEREZ, Nelson Sebastian; CASARIN, H. C. S. *Comportamento Informacional Cotidiano de adolescentes*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., Marília, 2017.

SOUSA, T. D. et al. O uso da internet: a superexposição das crianças nas redes sociais no Brasil. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 2016. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/03/internet.zip> . Acesso em: 20 jul. 2020.

ZWART, M. *et al. Teenagers, legal risks and social networking sites*. Victoria, Australia: Monash University, 2011.